

## LITERATURA E POLÍTICA: FORMA DE VIDA OU FORMA-DE-VIDA?

Patricia Peterle<sup>1</sup>

**Resumo:** Literatura como uma batalha das idéias, iniciática, evocação e modulação de sombras, linguagens inéditas são questões que perpassam pela produção intelectual e a atuação de Elio Vittorini. As relações estreitas entre arte, pensamento e política marcam a elaboração da revista *Il Politecnico*, dirigida pelo escritor, lançada no imediato pós-guerra. O ensaio pretende discutir as tensões presentes nessas relações a partir de alguns fragmentos da revista.

**Palavras-chave:** *Il Politecnico*, literatura política, política literária, Elio Vittorini

**Abstract:** Literature as a battle of ideas, initiation, evocation and modulation of shadows, unpublished languages are issues that permeate the intellectual production and performance of Elio Vittorini. The close relationships between art, thought and politics mark the development of the magazine *Il Politecnico*, headed by writer, launched in the immediate postwar period. The essay intends to discuss the tensions in those relationships from some fragments of the magazine.

**Keywords:** *Il Politecnico*, political literature, literary politics, Elio Vittorini

A experiência da atualidade não é a mesma para todos  
Ernst Bloch

A intensa experiência de *Il Politecnico*, célebre publicação – após acontecimentos marcantes, a queda de Mussolini, o armistício de 43, a *Resistenza* italiana – é um ponto nevrálgico de confluência e intersecção de visões, ânsias, anseios e tensões de toda uma comunidade desejosa de ser outra. Repensar a sociedade italiana era uma das propostas desse ambicioso projeto realizado por uma das maiores editoras italianas, a Einaudi. Uma necessidade sentida desde 1943, tanto pelos responsáveis da editora quanto pelos intelectuais do PCI.

O projeto visava à colaboração de intelectuais representativos, a circulação em diferentes âmbitos culturais e a interação com o leitor por meio de uma seção de cartas, que a redação teria o comprometimento de responder.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários Neolatinos e Profa. do Depto. de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Literatura da UFSC.

Uma publicação híbrida que desse conta das várias esferas que perfilam a cultura e a política e seus entrelaçamentos. O nome escolhido, justamente, remete a uma publicação da época do *Risorgimento*, 1839, *Politecnico: repertorio mensile di studj applicati alla prosperità e coltura sociale*, dirigida por Carlo Cattaneo, como é explicitado desde o primeiro número de *Il Politecnico*. O período da *Resistenza* e a liberação da península, batalhas de um passado presente, um passado cuja luta para muitos era um imperativo categórico, deixava uma pergunta: Itália liberada, o fascismo “acabado” e o que fazer?<sup>2</sup>

Um momento que pode ser lido como um novo renascimento que irá buscar as referências iniciais na luta antifascista e, portanto, no maior opositor do Fascismo, o partido comunista, que sai de todo esse processo revigorado, apesar das cisões internas. A carta de 24 de setembro de 1945, enviada a possíveis leitores e colaboradores, apresenta *Il Politecnico* com as seguintes palavras:

Esta publicação semanal pretende realizar uma operação de divulgação cultural mais popular e imediata. Ao mesmo tempo, com a contribuição dos melhores intelectuais, ela se propõe levar a cultura a interessar-se de todos os problemas sociais concretos de modo a contribuir para a operação de regeneração da sociedade italiana. O nosso jornal será ainda largamente ilustrado com fotografias e desenhos de conhecidos pintores e gráficos. Sairá sábado pelo preço de 12 Liras o número. (VITTORINI, 1977, 22.)<sup>3</sup>

Nesse fragmento já está colocada a proposta: divulgação cultural por meio da colaboração de intelectuais, não limitada a uma pequena elite, mas voltada para o povo e, portanto, com temáticas mais concretas que pudessem tratar os problemas sociais. Uma articulação complexa, que coloca lado a lado a Einaudi, um símbolo, sem dúvida, da cultura e também de resistência – não é possível de deixar de lembrar algumas personalidades como Leone Ginzburg, morto no cárcere fascista – e o partido comunista, fortalecido, expressão do campo político. Cultura e política, aspectos já mencionados na carta de apresentação de *Il Politecnico*, formam as estruturas constituintes desse

---

<sup>2</sup> Problemática também colocado por De Roberto na obra *Vicerè*: “L’Italia è fatta bisogna fare gli italiani”

<sup>3</sup> Todas as traduções dos textos em italiano citados nesse artigo foram feitas pela autora.

projeto, cujo objetivo maior é a “regeneração da sociedade italiana”. Ou seja, a cultura e política são dadas as forças de transformação da sociedade. A carta de 06 de julho de 1945, dias antes da circulação do número inaugural, escrita por Elio Vittorini<sup>4</sup> a Giulio Einaudi, comprova esses vínculos programáticos e iniciais:

A publicação semanal precisa ter informações contínuas sobre a atividade cultural na U.R.S.S. da arte à técnica à ciência pura às organizações sociais. Servem ainda informações sobre o modo com o qual na U.R.S.S. os problemas da reconstrução são abordados e resolvidos. Servem revistas e livros que documentem essas atividades e o maior número possível de fotografias. [...] É necessário que a Casa Einaudi se faça conhecer como casa ligada ao PC, que “Il Politecnico” seja reconhecido como semanal de cultura ligado ao P.C. (VITTORINI, 1977, p.11)

O que está em questão, até pelo formato inicial da publicação, é, então, a criação de um *fórum*, capaz de atrair e congregar ao seu redor diferentes leitores, que refletissem sobre a “regeneração da sociedade italiana”. A pergunta a ser colocada é: a partir de qual perspectiva? Antes de tentar respondê-la, mas já respondendo, urge pensar no formato de *Il Politecnico*<sup>5</sup>, que chama a atenção pelas grandes imagens e ilustrações que dividem o espaço da página com os artigos, além dos diferentes formatos e tamanhos das letras. As cores vermelho, preto e branco também chamam a atenção e legitimam o campo da cultura de esquerda ao qual *Politecnico* está ligado desde seu nascimento. A primeira fase, de setembro de 1945 a abril de 1946<sup>6</sup>, de acordo com o projeto inicial, tem números semanais, compostos por quatro páginas cada. Não uma revista literária, não uma revista política, não uma revista cultural ou científica, mas sim algo mais híbrido que levasse à confluência de todos esses campos. Ao lado de Vittorini, outro importante nome

---

<sup>4</sup> As experiências na sede de Milão do jornal do *L'Unità* e na redação de *Milano Sera* foram importantes para o projeto e a escolha de Vittorini como diretor de *Il Politecnico*.

<sup>5</sup> Com uma tiragem que não superou as 22.000 cópias, um mesmo número de *Il Politecnico* era lido por mais de uma pessoa, já que a sua divulgação era também feita por meio dos murais de associações e lugares públicos, atingindo um número bem mais amplo do que aquele registrado pelas assinaturas.

<sup>6</sup> O número 28 é o último como semanal, depois até dezembro de 1947, quando *Il Politecnico* cessa, serão mais 11 números mensais.

na estruturação do *Politecnico* é o de Albe Steiner, grande gráfico, que já tinha trabalhado com Vittorini nos espaços clandestinos do partido, entre 1940-42, na produção de material de divulgação.

O subtítulo, *Settimanale di cultura contemporanea*, é a liga que articula as mais variadas notícias e artigos, fragmentos literários ou não, que compunham os números. Um artigo sobre a FIAT que trata da relação dos industriais com o fascismo, outro de Angelo D'Alessia sobre a possibilidade de introduzir a democracia na igreja, uma poesia dedicada à guerra civil espanhola, o primeiro capítulo de *Para quem os sinos dobram* de Hemingway, um texto sobre o conservadorismo de *Os noivos* de Manzoni, além de outros mais, preenchem as quatro páginas do primeiro número junto com o polêmico texto assinado por Vittorini, *Una nuova cultura. Il Politecnico*, segundo Maria Corti, encarnou o entusiasmo no imediato pós-guerra dos intelectuais de esquerda, endereçados ao projeto de uma nova relação entre sociedade e cultura, com pinceladas, às vezes, imprecisas e utópicas que acompanham sempre as grandes e inovadoras operações.

Como pensar essa relação entre cultura e política? Ou as tensões inerentes a essa ligação? Toda a cultura fascista havia promovido um processo violento de dessubjetivação, com vistas à legitimação de algo maior e exterior, que estava acima das singularidades e percepções individuais, que se concentrava na imagem do Estado, que se reproduzia no indivíduo. Regeneração que decreta o fim da monarquia e anuncia a República (2 de junho de 1946). Focando nos meses do imediato pós-guerra, a perspectiva do partido era pensar os novos caminhos da sociedade e, como está na carta de apresentação de *Il Politecnico*, regenerá-la. O desejo de recuperação e superação do estado caótico é o que move esses primeiros momentos. E aqui não se pode ser ingênuo, regenerá-la de acordo com a perspectiva do partido, que, por sua vez, não descartava a identificação com uma comunidade, também caracterizada por valores compartilhados. Daí os novos trilhos que conduziriam o indivíduo, o “ser qual” e não o “ser tal”<sup>7</sup>, a ter uma propriedade que identifica ainda o seu pertencimento a um determinado conjunto de valores

---

<sup>7</sup> As diferenças entre eles é colocada por Giorgio Agamben no primeiro texto “Qualquer” do livro *A comunidade que vem*.

simbólicos. O limbo sugerido por Giorgio Agamben, como o espaço da *comunidade que vem*, nesse imediato pós-guerra não tem vez; pois, o processo de repensar a sociedade está centrado e urge na recusa do passado recente<sup>8</sup>, representado pelas ações do partido comunista, cuja estrutura requer e necessita desses sinais de pertencimento – e daqui também a polêmica nas páginas da revista entre Elio Vittorini e Palmiro Togliatti.

A pena maior – a ausência da visão de Deus – transforma-se assim em natural alegria: irremediavelmente perdidos, permanecem sem dor no abandono divino. Não é Deus que os esqueceu, são eles que o esqueceram desde sempre, e contra o seu esquecimento é impotente o esquecimento divino. (AGAMBEN, 1993, p. 14)

Um limbo cuja possibilidade-potência não é oferecida. É curioso, a esse respeito lembrar, da publicação em capítulos de *Por quem os sinos dobram* de Hemingway nas páginas de *Politecnico*, escritor lido e apreciado pelos intelectuais de esquerda. Fruto da experiência do autor, o romance tem como cenário a guerra civil espanhola, o americano Robert integra as Brigadas Internacionais e ajuda no combate às tropas de Franco, recebendo a missão de explodir uma ponte. Um texto que tem como foco, sobretudo, a condição humana, independentemente do lado que se escolhe. Um romance perturbador aos olhos do partido e, justamente, por isso algumas partes do romance de Hemingway são eliminadas para a publicação. Esse não é e não será o primeiro caso de interferência numa determinada obra, prosa ou poesia, para o apaziguamento e mudança de foco.<sup>9</sup> Ações perigosas, que num momento de ruptura e renovação, fazem uso de estratégias não muito diferentes das do regime. Não publicar fragmentos que não interessam é um tipo de corte, de cesura e de censura. O paraíso é oferecido, mas para gozá-lo é preciso seguir os trilhos! Um momento de relações complexas, mas que os fortes refletores, agora do partido, iluminam e ofuscam ao mesmo tempo.

---

<sup>8</sup> Recusa que nem sempre é possível, pois o passado também faz parte do tempo presente.

<sup>9</sup> Para outros exemplo consultar: MEDDEMEN, John. "Vittorini e la poesia inglese in "Il Politecnico". In: *Strumenti Critici*, n. 8, 1969, p. 30-46; BONSAVER, Guido. *Elio Vittorini: letteratura in tensione*. Florença: Franco Cesatti Editore, 2008, p. 182.

*Una nuova cultura*, o texto de Vittorini, ocupa uma posição privilegiada, a primeira coluna da esquerda, mas causa bastante polêmica, mesmo entre seus pares. Um manifesto da cultura pode ser uma definição para esse texto incisivo e iniciático, cujo objetivo é refletir sobre esse campo e sua relação com a política. De fato Vittorini, condena o afastamento e a passividade do campo cultural diante dos eventos políticos mais recentes:

Não há delito cometido pelo fascismo que esta cultura não tivesse ensinado a execrar há tempos. E se o fascismo teve como cometer todos os delitos que essa cultura tinha ensinado a execrar há tempos, não devemos perguntar a essa mesma cultura como e por que o fascismo pode cometê-los? (VITTORINI, 2001, p.19-20)

É o Vittorini escritor, militante, consultor, articulador e mediador cultural que se questiona e interroga os leitores. E mais adiante afirma: “Não há talvez ninguém na Itália que ignore o que significa a mortificação da impotência ou um abstrato furor”. Abstratos furores que inquietam o célebre personagem Silvestro, de *Conversa na Sicília*, que ao seu redor vê o “gênero humano perdido”, e a cabeça baixa é um sinal dessa impotência sentida. A sua fala, ele mesmo afirma, não é endereçada somente aos companheiros do partido, mas a todos os indivíduos, sendo ele marxista, idealista, católico ou místico.

A cultura não deve ser uma ilha, algo isolada, ela deve estar em estreita relação tanto com a política quanto com as ciências, laços que Vittorini, a partir da variedade de textos tenta propor desde o primeiro número da revista. Ainda em *Una nuova cultura*, o escritor siciliano diz que a esfera da cultura não deve se limitar ao âmbito estritamente intelectual, deixando o pão e o trabalho a “Cesare”. Uma cultura operante nos planos da *anima*, *pane* e *lavoro*, que não se demonstre mais só consoladora, é a proposta do projeto de Vittorini para o *Politecnico*. Atribuindo, assim, uma missão, sintetizada nas seguintes palavras: “Não mais uma cultura que console nos sofrimentos, mas uma cultura proteja dos sofrimentos, que os combata e os elimine”. Dos “furores abstratos” para uma furiosa e mitográfica utopia, registrada no primeiro número pela fotografia colocada à direita no alto da página, com a seguinte legenda: “Os que caíram pela liberdade de todo o mundo nos ditaram o que escrevemos”. A imagem registra um corpo ferido e um homem agachado, perto do corpo, com um

caderno tomando notas. Imagem emblemática da função que *Il Politecnico* assumia para si e do papel, às vezes ingênuo, talvez necessário, de uma cultura que pudesse “determinar” a vida do homem e a sua história.

As relações entre arte e documento mostram-se uma “exigência” para o trabalho de descortinar os véus colocados pelas duas décadas de fascismo. Se *Il Politecnico* anuncia em suas páginas que a Itália deve ser conhecida sem nenhuma retórica e lenda, outro periódico *Società*, nem sempre concorde com o de Vittorini, em suas páginas afirma que se trata de não mais falsear. Como enfatiza Caterina Verbaro ao tratar dessa produção:

O complessivo repensar literário se traduz de fato numa desejosa mudança de temas, de papéis, de comportamentos, mais do que um aprofundamento substancial do agir literário, e a excitação, a ênfase, a militância coletiva, o embate com os blocos, próprios dos tempos em que urge a história e a realidade, prevalecerão por muitos anos ainda sobre a necessidade de uma análise sem preconceitos. (VERBARO, 1995, p. 51)

Nesse ímpeto de renovação, as esferas de uma motivação ética e da criação literária estão no centro da discussão e do artigo inaugural, *Una nuova cultura*. Diz ainda Vittorini: “Uma nova cultura que os impeça e os esconjure, que ajude a eliminar a exploração e a escravidão, e a vencer a necessidade, esta é a cultura na qual a velha de vê se transformar” (VITTORINI, 1960, p.45). Um projeto que não nasce isolado, mas é fruto de todo um movimento que não deixar de pensar nas ações e produções da *Resistenza*, que envolveu intelectuais, operários, homens do campo ao redor de uma única causa: a liberação das forças nazifascistas do território italiano. Giaime Pintor, Albe Steiner, Renato Guttuso são exemplos de escritores, pintores e intelectuais, como o próprio Vittorini, que, sem descartar pincéis e canetas, atuaram de uma forma ou de outra na luta pela liberação. Experiência vivida e sentida. Portanto, a proposta de *Una nuova cultura* é inerente a toda essa carga do vivido. Dirá ainda Vittorini:

Nós apareceremos, em muitas coisas, incoerentes, cheios certamente de contradições e de ingenuidade, mas os leitores inteligentes saberão de Poder avaliar só no último número do nosso semanal, se a nossa tentativa terá, mais ou menos,

sucesso. A variedade das proveniências ideológicas dos colaboradores, alguns marxistas, outros idealistas e outros ainda católicos é, enfim, garantia de que “Il Politecnico” não se coloca fora de nenhuma concepção da vida que não contraste com a fé na pesquisa da humana felicidade sobre esta terra e no progresso civil. (VITTORINI, 1960, p.46).

Colocações que incomodam uma das forças iniciais do projeto, a do partido, mas não só como é possível verificar as polêmicas levantadas por Bo e Vigorelli. A concepção que o diretor da revista, ao longo dos meses de 1945, vai delineando para a cultura e a idéia da sua importância e do seu espaço na sociedade, causa uma inquietação, gerando debates, cartas e respostas, todos centrados na relação entre cultura e política. Franco Fortini, no n. 17-19 de janeiro de 1946, no texto “Chiusura di una polemica - Cultura come scelta necessaria”, conclui:

Potência da cultura não quer dizer nem a poesia nos congressos (apesar de ser também isso) nem luta contra o analfabetismo (apesar de ser também isso): *quer dizer que os meios para fazer do homem uma pessoa ao invés de um escravo ou um tirano, mas pessoas; quer dizer dar-lhes os instrumentos para se reconhecerem e a todos os instrumentos para reconhecê-los.* (FORTINI, 1960, p.79)

As palavras de Fortini vão ao encontro das do diretor do *Politecnico*, cuja intenção não era fazer a divulgação de uma única verdade, mas ir em busca da “verdade” que é mutável e não una. Se a relação entre Vittorini e o PCI já estava estremecida, é o artigo de Mario Alicata, no periódico *Rinascita*, no verão de 1946, meses depois da publicação de Fortini, a ser o estopim da célebre polêmica entre Vittorini e Togliatti. O texto de Alicata, entre outros aspectos, condenava principalmente *Il Politecnico* por ter falido na tarefa de endereçar as massas italianas. Esse número de *Rinascita*, curiosamente, trazia junto com o artigo já citado de Alicata um conto de Gorky – como oposição à literatura americana divulgada no *Politecnico* – e um artigo de Cesare Pavese<sup>10</sup>, cuja oposição ao *Politecnico* era conhecida, com o título *Di una*

---

<sup>10</sup> O estudo de Marina Zancan, *Il progetto “Politecnico”*, aponta para essa desarmonia dentro da editora, possivelmente sentida desde o início, como pode ser percebido na carta de Cesare Pavese a Elio Vittorini, de junho 1945. Eis um fragmento da carta: “Il tuo programma è ciclopico

*nuova letteratura*. A resposta de Vittorini em *Il Politecnico* (n. 31-32 jul.- ago. 1946) saiu na seção resposta aos leitores, com o título “Política e cultura” e desde os primeiros parágrafos pontua os pontos de partida e o espaço da sua fala:

A questão é importante: é relativa às relações entre uma linha política e um comportamento cultural, entre ação política e ação cultural; e implica a distinção entre deveres políticos e deveres culturais. (VITTORINI, 1960, p.123)

Depois,

Mario Alicata, escritor que pode se considerar um expoente oficial do partido Comunista Italiano, escreveu sobre o nosso *Politecnico* no número 5/6 de *Rinascita*, revista que pode ser considerada oficial do partido Comunista Italiano, e escreveu avaliando negativamente. Ele disse o que *Il Politecnico* “deveria ser” e acha que não o foi; disse qual função deveria ter desenvolvido e acha que não desenvolveu. Ao contrário de nos avaliar, isto é, por aquilo que somos nos avaliou por aquilo que não somos, sem levar em consideração que nos seis meses de vida do semanal e nas condições de isolamento nas quais o semanal viveu, não poderíamos nunca ter tido uma tarefa no sentido alegado por ele. (VITTORINI, 1960, p.123)

O que está em jogo não é só o trabalho do grupo de *Il Politecnico*, mas sim a relação que foi sendo estabelecida de setembro de 1945 a agosto de 1946, mês da resposta de Vittorini, com o que é possível identificar como a comunidade do partido, não só em termos de apoio, de colaboradores, mas, acima de tudo, por meio dos símbolos e sinais de pertencimento, aqui apontados com cuidado pelo escritor de *Conversa na Sicília*. Antes de tudo, ele identifica *Rinascita* como o periódico oficial do partido, diferenciando assim a posição de *Politecnico* – note-se como a posição já mudou desde setembro de 1945. A perspectiva de Alicata não deveria, segundo ele, partir de pressupostos pré-estabelecidos por certas lentes, mas sim avaliar a atividade

---

e fa sospirare tutti. Tutti dicono: Ma se è così la rivista è già fatta. Ti faremo presto le nostre deduzioni di merito. Per ora scrivo in fretta per avvertirti che sul mio conto qualcuno ti ha ingannato. Io non mi sento affatto di fare il redattore responsabile a Torino. Ne ho già anche troppo della parte di redattore editoriale Einaudi.” (17 de junho de 1945). In: VITTORINI, Elio. *Gli anni del Politecnico*. Turim, 1977, p.6). Um outro exemplo dessa crise interna na editora seria a carta de Vittorini a Felice Balbo de 10 de junho de 1947.

desenvolvida até aquele momento, caracterizada, segundo Vittorini, pelo isolamento provavelmente dos companheiros.

Alicata olha para o *Politecnico* tentando identificar ali, algum sinal de pertencimento da comunidade, ou em outras palavras uma “forma de vida” – sem hífen, isto é, sem a (inter)relação entre esses dois elementos, cuja potência estaria fragilizada –, que aponta para essa cisão entre indivíduo e o todo; nesse caso específico essa fratura deve-se à soberania do partido, confirmada depois pela visão expressa na resposta de Togliatti. A esse respeito, Vittorini argumenta que o *Politecnico* é visto erroneamente como um órgão do partido; que não se dá a um comunista, no caso Alicata, a possibilidade de ter uma visão pessoal; e, sobretudo, é descartada a possibilidade que um comunista, o próprio Vittorini, possa ter uma atividade cultural que não esteja sujeita ao controle político do partido. Toda a atividade cultural, inclusive o *Politecnico*, até pela sua proposta inicial, não poderia ser vista à margem dos elementos identificantes da comunidade, na verdade, ele poderia, e aos olhos de alguns deveria, ser mais um meio para a divulgação e legitimação da forma de vida do partido.

O erro principal, naturalmente, é acreditar no *Politecnico* comunista pelo fato de ele ser dirigido por um comunista. Várias vezes já colocamos em guarda os nossos leitores contra esse erro (no qual está todo o conteúdo do *Politecnico*) nós não expressamos uma exigência de comunistas que é politicamente confortável para o Partido Comunista [...] Fazer passar o *Politecnico* por uma revista de comunistas significa apresentar a nossa exigência cultural como um subproduto da exigência política do PCI [...]

E ainda

Eu sei como hoje não exista no mundo uma seriedade revolucionária fora do meu Partido e há algum tempo tenho em mente escrever sobre isso para esclarecer a mim mesmo. Agora quero dizer somente, aos amigos comunistas e não comunistas do *Politecnico*, que o meu Partido é tal que consente a mais ampla independência em fatos de cultura. Não é para colocar um término na atividade do *Politecnico* que o meu Partido hospedou, na sua revista, o texto de Alicata contra o *Politecnico*. Se assim fosse eu deveria parar de dirigir o *Politecnico* ou ser expulso do meu Partido. [...] A liberdade cultural é algo implícito nas atuais razões do meu partido. (VITTORINI, 1960, p.125-126)

A resposta de Vittorini é contundente, defende o seu ponto de vista, a autonomia, ou melhor a forma-de-vida, com hífen, potência de pensamento, sem, ao mesmo tempo, atacar o partido. Refere-se ao partido como o “meu Partido” e fala de um possível escrito sobre a organização. Uma forma talvez de usar a sua legitimação no campo literário para o político? Nesse momento, Vittorini separa as esferas do sujeito-Vittorini e a do Vittorini-comunista, sendo que a segunda não prevalece, acolhe ou encobre a primeira. Vittorini não vê na comunidade do Partido essa luz irradiante e ofuscante – esse “Deus” único –, como alguns de seus companheiros; nessa resposta, fica clara a defesa por um espaço que é o do sujeito, o “ser tal” para Agamben. O escritor siciliano sabe que essa posição é complexa e delicada diante da Comunidade-Partido. Talvez, por isso, em dado momento, refira-se a Togliatti como “o melhor de todos os líderes dos Partidos Comunistas europeus” e um líder de cabeça aberta. Palavras confortantes e acolhedoras, mas que não diminuem o embate colocado na defesa da cultura e da forma-de-vida, uma vida da potência. Na última frase dessa resposta, já está implícita as conseqüências dessa fala: “Prefiro jogar-me, com tudo aquilo que tenho de meu no estomago, e ver se um clarão saia de uma discussão”.

É nas páginas desse periódico que se dá a famosa e célebre polêmica, já anunciada, sobre cultura e política, e o papel de cada uma, entre Elio Vittorini e Palmiro Togliatti, um dos máximos representantes do PCI. Se Vittorini admite e aceita algumas das críticas que são feitas à abordagem do *Politecnico*, na carta publicada nos n.33-34, de set-dez de 1946, como a falta de função criativa e formativa do público, tendo sido priorizada a informação em diversos campos e áreas, na sua resposta, no n. 35, jan-mar 1947, ele enfatiza o seu posicionamento em relação aos campos da política e da cultura:

O direito de falar não deriva para os homens do de “possuir a verdade”. Deriva sobretudo do fato que “se procura a verdade” (VITTORINI, 1960, p.167)

E ainda, na mesma resposta:

No curso ordinário da história, é somente a cultura autônoma (mas, entende-se, não erradicada, não alienada) que *enriquece* a política e, portanto contribui *objetivamente* à sua ação; enquanto a cultura politizada, reduzida a instrumento de influência, ou então, privada da problemática, não possui nenhuma contribuição qualitativa a dar, e não contribui á ação que como um empregado de ordem pode dar a uma empresa. (VITTORINI, 1960, p.171-172)

O salto sem rede de segurança é dado!

A vida política pensada por Vittorini não está condicionada à soberania da Comunidade-Partido, ela é “pensável só por meio da emancipação da cisão, do irrevogável êxodo de qualquer soberania”. Cesura que está no sintagma forma de vida, cujos espaços são preenchidos por elementos externos, a emancipação dessa cisão significa o estabelecimento de relação entre esses termos, o nexos, o “pensamento” diz Agamben. O pensar, para o filósofo italiano, está relacionado ao *experimentum*, à passagem, à receptividade que não deixa de ser o fazer a própria experiência, como ele discute no texto também intitulado *Forma-di-vita*. Nesse sentido, o pensamento não é uma forma de vida ao lado de outras formas de vida, é uma *potência unitária* que faz confluir em forma-de-vida, sempre com hífen, as inúmeras formas de vida. A partilha do comum e do sensível.

Quase um ano depois do fim de *Il Politecnico*, num congresso em Genebra, cuja temática era “Deve o artista engajar-se?”, em setembro de 1948, depois também da publicação do romance *Uomini e no (Homens e não)*, Vittorini fala de engajamento e espontaneidade do artista. Ao questionamento, engajar-se com o que?, ele responde:

COM A REALIDADE, e participar dela, conhecê-la, fazer conhecido aquilo que só ele pode fazer conhecido, na transformação dela. Não digo um realidade eterna . Não há nada na realidade que seja eterno, mesmo que possa durar décadas de século. Eu digo com a realidade como é, mutável, como é, histórica como é, mas histórica e mutável no seu mudar de fundo que envolve as nossas necessidades e os nossos afetos, não no seu mudar de superfície que só envolve as nossas opiniões. [...] saberá fugir dos *engagements dilettantes* que sempre lhe pediram sacerdotes, filósofos, políticos e estetas. Se a arte foi mais forte do que as alienações que esses *engagements* causam foi sempre na

medida em que o *engagement natural* do artista teve mais força do *engagement dileitante*, que lhe era pedido ou imposto. E nessa medida que pode, sobretudo, ser revolucionária (VITTORINI, 2001, p. 287)

Esse engajamento natural e a realidade mutável que vão numa direção diferente da de um engajamento ortodoxo, muitas vezes limitado pelos próprios tempos, tem a sua potência, justamente, nas tensões e nas possibilidades que se abrem. Contrapondo-se ao outro, mais orgânico, que limita as possíveis leituras e interações, num ato de despotencialização. A busca pela verdade mutável, força motriz, que Vittorini menciona em vários momentos está presente nesse fragmento e, ainda, em algumas passagens nas cartas trocadas com Vasco Pratolini, entre setembro e outubro de 1950. Nelas por diferentes vias, Vittorini reafirma esse posicionamento. Duas passagens significativas dessa correspondência:

E eu especifiquei que não sou mai solidário com os comunistas do momento em que entendi que pretendiam a minha identidade absoluta com qualquer tipo de comportamento também o cultural [...] (VITTORINI, 2001, p.190)

Tive uma idéia da verdade como de coisa que muda continuamente e que continuamente precisa atualizar (vê a minha polêmica com Togliatti, final de 1946 – início de 1947) por isso não posso considerar sagrada e intocável nenhuma ideologia. (VITTORINI, 2001, p.293)

A arte para ele é uma potência em potência, e a relação entre arte e política, literatura e pensamento é um dos alimentos da sociedade, e da própria possibilidade de sociedade, podendo ser até um alerta ou uma “defesa”. “A arte é em si própria constitutivamente política, por ser uma operação que torna inoperativo e que contempla os sentidos e os gestos habituais dos homens e que, desta forma, os abre a um novo possível uso.” (AGAMBEN, 2007, p.49). Em *Uomini e no* consegue-se indentificar algumas situações limites nas quais esse alerta é dado, na descrição animalizada de alguns personagens, na quebra do maniqueísmo dicotômico entre bem e mal, entre nós e eles, os *partigiani* e os nazifascistas, na Milão sitiada e ocupada pela violência, onde a vida nua parece estar em todos os lugares e os homens são e não são homens.

Passados pouco menos de 70 anos do primeiro número de *Il Politecnico*, que registra em seus números e páginas as muitas inquietações os conflitos e, principalmente, aos anseios de ver e falar, atividades, que durante as duas décadas de fascismo, estiveram sob a mira dos controles e censuras, que alimentavam e sustentavam a engrenagem do regime, como pensar algumas dessas polêmicas que em determinadas perspectivas podem parecer tão atuais hoje, quando somos levados a termos novas formas de vida, sem hífen? Num mundo onde os vagalumes, em sentido real e metafórico, são sempre menos?

Você pode se opor. Se a supressão das artes e das ciências (ou a redução delas por uma nova clandestinidade) fosse necessária para acabar com o desemprego operário e camponês, ou com os sofrimentos em geral do proletariado, nós não deveríamos nos recusar em aceitá-lo. Eu ao contrário me recusaria em aceitar também num caso parecido, porque considera o atual proletário em uma potencialidade da sua figura humana, potencialidade que contém a necessidade das artes e das ciências, e que portanto subentende um direito de ser. Além disso, a condição feita às artes e às ciências (a supressão delas) joga uma sombra de intensa escuridão sobre a condição que pode ser feita ao operário em quanto tal e ao camponês em quanto tal [...] Não, meu caro. Eu quero combater o perigo do fascismo “restando vivo”. Recorrendo às forças implícitas deste nosso mundo, às impossibilidades internas de transformação [...] e não “passando” para um lado de lá de não-vida. (VITTORINI, 2001, p. 304).

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

\_\_\_\_\_. “Arte, Inoperatividade e Política”. In: GUERREIRO, Antonio. *Críticas do contemporâneo*. Fundação Serralves, 2007, p.49

FORTINI, Franco. “Chiusura di una polemica - Cultura come scelta necessaria”. In: FORTI, Marco; PAUTASSO, Sergio. *Il Politecnico – antologia critica*. Milão: Lercici Editori, 1960.

FORTI, Marco; PAUTASSO, Sergio. *Il Politecnico – antologia critica*. Milão: Lercici Editori, 1960.

VERBARO, Caterina; LUTI, Giorgio. *Dal Neorealismo alla Neoavanguardia. Il dibattito letterario in Italia negli anni della modernizzazione (1945-1969)*. Firenze: Casa Editrici Le Lettere, 1995.

VITTORINI, Elio. *Gli anni Del "Politecnico" - Lettere 1945-1951*. Organizado por Carlo Minoia. Turim: Einaudi, 1977

VITTORINI, Elio. *Cultura e Libertà – saggi, note, lettere da "Il Politecnico e altre lettere*. Organização de Rafele Crovi. Turim: Nino Aragno, 2001, pp. 19-20